Revista Brasileira de Educação em Geografia
www.revistaedugeo.com.br
ISSN 2236-3904

POR UMA GEOGRAFIA VIVENCIADA: importância das práticas de campo na formação de professores de Geografia

Israel Rodrigues Bezerra
israelbezerra.1995@gmail.com

Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

ORCID: http://orcid.org/0000-0001-7542-3495

Francisco Amaro Gomes de Alencar
famaro.ufc@gmail.com

Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e professor do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFC.

ORCID: http://orcid.org/0000-0003-3924-4363

Daniel Gadelha de Oliveira
dgointhebox@yahoo.com.br

Graduado em Geografia pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

ORCID: http://orcid.org/0000-0002-4843-003X

RESUMO

Este texto tem como objetivo apresentar uma concepção de práticas de campo e sua função na formação de professores de Geografia. A história dos cursos de formação de professores, junto com as bases legais que regem o currículo e o sistema de ensino superior demonstra a existência de uma relação integrada entre os momentos de campo e o processo de formação de geógrafos que atuarão em sala de aula. A identificação desta relação propicia um caminho de construção da sistematização das práticas de campo para que seja gerada uma concepção fundamentada teórico-metodologicamente. Os momentos de constituição das práticas de campo, planejamento, execução e avaliação integram os processos de aula e trabalho. A compreensão é gerada a partir do entendimento do sistema de relações estabelecido. O campo oferece na formação de professores de Geografia dinamicidade, integração universidade-sociedade e riqueza no ensino e aprendizagem através dos momentos do desvendar-mundo pela ótica da ciência geográfica.

PALAVRAS-CHAVE

Formação de professores, Práticas de campo, Método de pesquisa em Geografia, Ensino de Geografia.

FOR A GEOGRAPHY EXPERIENCED: the importance of field practices in the training of professors of Geography

ABSTRACT

This text aims to present a conception of field practices and their role in the training of professors of Geography. The history of professors training courses, along with the legal bases governing the curriculum and the higher education system demonstrates the existence of an integrated relationship between the moments of field and the process of training geographers who will act in the classroom. The identification of this relationship provides a way to build the systematization of field practices, so that a theorical and methodologically based conception can be generated. The moments of constitution of the field practices, planning, execution and evaluation integrate the processes of class and work. The understanding is generated from the understanding of the system of relationships established. The field offers in the training of professors of Geography dynamics, integration university-society and richness in teaching and learning through the moments of the unravel-world from the perspective of geographical science.

KEYWORDS

Training of professors, Field practices, Method research in Geography, Geography teaching.

Introdução

As aulas e os trabalhos de campo, no contexto da formação do geógrafo(a), são fundamentais. Portanto, discutir a base teórico-metodológica que rege estas práticas fora da sala de aula é imprescindível para reconhecer sua importância ao tornar o ensino de Geografia em um complexo de interpretação, compreensão e construção da sociedade. Pensar a formação na área da ciência geográfica é um desafio constante e necessário para o avançar nas práticas de campo.

Mesmo pensando nestas duas atividades conjuntamente, é necessário caracterizá-las separadamente, pois, operacionalmente trabalho de campo e aulas de campo se diferenciam. Oliveira e Assis (2009) auxiliam na realização desta distinção, trazendo de forma concisa o que determina o trabalho e a aula de campo. O trabalho de campo traz características do ato da pesquisa, o reconhecimento do local almejado e a busca de dados, informações, relatos, memórias, cores, odores e sabores, em um real processo de descobrimento do espaço geográfico. A aula de campo é um processo diferente, mas que é interdependente do primeiro, pois somente a partir da pesquisa e construção de um material e banco de dados é possível desenvolver a aula externa,

rompendo os muros das salas de aula, proporcionando a vivência do espaço, momento de reflexões em um contexto misto de formalidade e informalidade de relações, onde há critérios claros, mas, flexíveis e uma transitoriedade entre objetividade e afetividade.

Complementamos os autores reconhecendo que os processos de trabalho e aula de campo ocorrem simultaneamente em uma constate metamorfose. O espaço geográfico, a área de estudo e observação é continuamente alterada, modificada e transformada, os dados e informações avançam e retrocedem como um balé sinuoso, logo pensar a unificação destes processos é fundamental para o acompanhamento das transformações na sociedade. Acreditamos nas práticas de campo integradas com o objetivo de formar professores e bacharéis aptos ao exercício da profissão. Machado (2006) fala do diferencial na inserção no circuito profissional, onde estudantes de Geografia para assimilar e compreender o mundo social no qual vivem, devem aliar as práticas conceituais as procedimentais através da integração sala de aula e vivências em campo.

A formação em Geografia torna possível uma série de vivências e práticas de campo ligadas ao currículo regular e as atividades de pesquisa e extensão vinculadas aos momentos laboratoriais junto à equipe do Laboratório de Estudos Agrários, Territoriais e Educacionais (LEATE) do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará. Tais momentos propiciaram, através de diferentes registros e discussões, um apanhado geral da complexidade de informações e experiências que enriquecem e contribuem para a formação dos professores de Geografia, onde as capacidades de executar as atividades são refletidas e debatidas. Com base nesta experiência, a escrita deste trabalho também adquire uma carga pessoal de memórias e geografias construídas no decorrer da formação enquanto geógrafo.

Nossa investigação possui natureza qualitativa, onde existe protagonismo que "implica participar, entrar no processo, adquirir familiaridade pelo menos, chegar a ser ator para poder sentir a empreitada comunitária como sua também." (DEMO, 1995, p. 246). De forma poética, Pedro Demo esclarece os caminhos da análise qualitativa, corroborando com o autor compreendemos que é necessário apreender e compreender os processos dos fenômenos estudados a partir do viver, do sentir e do experimentar, para assim sair de uma redoma discursiva e propor soluções com base no conhecimento construído. Os procedimentos seguidos na pesquisa, que proporcionou o texto apresentado, foram: levantamento bibliográfico referente às temáticas tratadas, análise de documentos como o Projeto Político Pedagógico do Curso de Geografia (PPC), Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), dentre outros e revisão de diários e relatórios de campo.

Partindo dessas observações iniciais, esse artigo tem um viés reflexivo e propositivo. Em consonância com os objetivos desse artigo, ele é composto por cinco partes: Esta introdução. Uma breve discussão sobre formação de professores de Geografia em nossa sociedade e a relação com as práticas de campo. Em seguida abordamos o processo construtivo destas práticas, pensamos os momentos fundamentais de planejamento, execução e avaliação a partir de uma base teórica e contextualizada com as experiências adquiridas durante o processo formativo. A partir da intersecção destas reflexões traremos o ponto propositivo, onde apresentamos concepção de práticas de campo, que são aula de campo e trabalho de campo unificado, e como pensar um projeto de valoração desta atividade no cotidiano formativo. Encerramos trazendo nossas considerações finais.

Caminhos e descaminhos da Formação de Professores de Geografia no Brasil

Apresentar uma reflexão sobre a formação de professores de Geografia é um desafio. Relacionar esta formação com aula de campo e trabalho de campo transforma a escrita deste texto um desafio ainda maior. Levar em consideração este desafio de buscar relacionar aula e pesquisa é necessário, pois concerne a uma prática docente de compreensão do mundo em sua magnitude.

Antes de adentrar no fato histórico da formação de professores de Geografia, é importante contextualizar ao momento em que vivemos um processo de proletarização dos profissionais da educação, pois cada vez mais a precarização do trabalho torna, nos moldes de uma sociedade de economia mundializada, a profissão de professor mais mecanizada/automatizada, seguindo normas e regras longe da realidade que tanto almejamos na educação. Apoiado em uma análise geográfica afirmamos que:

> O processo de mundialização da economia e a terceira revolução constituída pela intensificação da tecnologia no mundo do trabalho e das comunicações, estreitando as relações entre as escalas local e global, geraram consequências para os conceitos de tempo e espaço e interferiram na relação entre teoria e prática; contribuíram para formar professores com pouca autonomia no processo educativo. (PONTUSCHKA, 2006, p. 271).

Partindo dessa contradição, visualizamos que mesmo com tais avanços no acesso à tecnologia e comunicação, e com textos disponíveis cada vez mais bem elaborados, a realidade aparece distante disto. É encontrado assim um descaso com a execução dos mais variados programas voltados aos professores, pois estes não fazem

parte do processo de concepção, em parceria com estudantes, comunidade e funcionários, ou seja, os que constroem e conhecem o espaço escolar são muitas vezes ignorados nos projetos de políticas públicas para educação, e acabam sendo negligenciados, gerando fragilidades na educação brasileira.

Atrelado a isto, para compreender a formação de professores seguimos como referências três períodos históricos, que entendemos como marcos fundamentais, apresentados por Rocha (2000) e Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007). A origem dos cursos de formação na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, a tentativa de implantação dos Estudos Sociais na ditadura militar e civil, e a atualidade, marcada pelas reformas e redução no tempo de formação de professores.

O primeiro período corresponde à execução dos primeiros cursos de formação de professores de Geografia e História em 1931 e com a primeira turma formada em 1936. Temos os primeiros licenciados, que foram importantes para a mudança cultural e científica onde os mesmos atuavam, pois a visão de uma ciência geográfica sistematizada e aplicada por professores da área trouxe dinamicidade para essa disciplina.

O segundo período, com o advento do golpe militar e civil de 1964-1985, de substituição da Geografia e História pelos Estudos Sociais caracterizando um retrocesso para a educação, pois o objetivo dos governos militares era eliminar a autonomia e pensamento emancipatório gerado a partir das discussões destas disciplinas, provocando um fracasso do ensino na formação de nossos jovens ao suprimir os estudos geográficos, fundamentais para apreensão da realidade. Entretanto com a luta de estudantes e professores juntos a entidades como Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) e Associação Nacional de História (ANPUH) foi possível reverter esse processo, mas não antes que este deixasse sequelas na educação brasileira.

O terceiro período se enquadra no final da década de 1980 e percorre ainda os dias atuais, apesar dos esforços de pensadores na área da educação, a perspectiva governamental tem em vista um ensino voltado para o mercado, impregnando o currículo dos cursos de formação de professores. Os desafios estão postos à nova geração de educadores que a partir de uma ação emancipadora através da *práxis* educativa, consigam mudar a realidade vivida no espaço escolar.

O histórico nos mostra que a Geografia sempre esteve em risco na tentativa construtiva de um processo formativo que viabilizasse a compreensão e transformação do mundo. A teoria inscrita neste mundo é negligenciada, o que torna o debate metodológico em torno desta atividade uma constante fundamental. Ora, se a Geografia é a ciência que participa no desvendar-mundo, os caminhos de discussão e resistência

em sala de aula e gabinete se integram as discussões e resistências no espaço geográfico, no campo, não como uma consequência, mas como integração (PONTUSCHKA, 2000; PAGANELLI; CACETE, 2007).

Quando se ultrapassa a perspectiva tradicional na educação, rompemos com a visão do professor enquanto dono da verdade e dos alunos enquanto recipientes vazios. O professor deve ser encarado não como um portador de um conhecimento socialmente instituído, mas como portador de um saber que clama por existência criadora, o saber como trabalho instituinte que se projeta aos alunos. Para atingir tal condição é necessário que o professor exija de si mesmo uma atividade permanente de investigação (SOUSA NETO, 2001). Para atingir essa condição na Geografia é fundamental a integração entre sala de aula e trabalho de campo.

Na contemporaneidade a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) Lei n°9394/96 em seus artigos 43 a 57 combinados às Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) dos cursos de Geografia constituem estrutura basilar quanto à formação de professores desta área. Ambos os documentos trazem os caminhos a serem seguidos para se apresentar uma concisão nos objetivos curriculares dos cursos de graduação.

Percebemos que o texto da LDB quando se remete ao perfil dos formados de nível superior, exige uma série de competências e habilidades fundamentais, porém notamos a necessidade destes profissionais compreenderem e impactarem o meio no qual vivem, o espaço. Passa por aí as atividades de ensino, pesquisa e extensão que se integram no processo de ensino e aprendizagem em um curso superior. Tais critérios perpassam na Geografia pelas práticas de campo, como um dos componentes essenciais para a formação de um profissional que atenda as demandas da sociedade, sendo capaz de atuar na docência em meio aos constantes processos de transformações sociais.

As aulas e trabalhos de campo, integradas como prática torna-se então, com o escopo teórico que compõe o currículo dos cursos de Geografia, imprescindíveis no caminho formativo destes educadores. As DCNs, afirmam que o egresso do curso de Geografia deve ser capaz de atuar, planejar e executar atividades de campo, no qual entendemos se tratar em diferentes situações, contextos e níveis de ensino. Para isso uma série de competências deve ser alcançada, exemplificando as capacidades de um profissional na área da Geografia, como é mostrado no documento:

> A) Os cursos de Graduação devem proporcionar o desenvolvimento das seguintes habilidades gerais: a. Identificar e explicar a dimensão geográfica presente nas diversas manifestações dos conhecimentos; b. Articular elementos empíricos e conceituais, concernentes ao conhecimento científico dos processos espaciais; c. Reconhecer as diferentes escalas de ocorrência e

> manifestação dos fatos, fenômenos e eventos geográficos; d. **Planejar e realizar atividades de campo referentes à investigação geográfica**; e. Dominar técnicas laboratoriais concernentes à produção e aplicação do conhecimento geográfico; f. Propor e elaborar projetos de pesquisa e executivos no âmbito de área de atuação da Geografia; g. Utilizar os recursos da informática; h. Dominar a língua portuguesa e um idioma estrangeiro no qual seja significativa a produção e a difusão do conhecimento geográfico; i. Trabalhar de maneira integrada e contributiva em equipes multidisciplinares. B) Específicas a. Identificar, descrever, compreender, analisar e representar os sistemas naturais: b. identificar, descrever, analisar, compreender e explicar as diferentes práticas e concepções concernentes ao processo de produção do espaço; c. selecionar a linguagem científica mais adequada para tratar a informação geográfica, considerando suas características e o problema proposto; d. avaliar representações ou tratamentos; gráficos e matemático-estatísticos e elaborar mapas temáticos e outras representações gráficas; f. dominar os conteúdos básicos que são objeto de aprendizagem nos níveis fundamental e médio; g. organizar o conhecimento espacial adequando-o ao processo de ensino-aprendizagem em geografia nos diferentes níveis de ensino. (BRASIL, 2001, **grifo nosso**).

Há um precedente legal que põe as práticas de campo como requisito para a qualidade na formação, o que já torna a reflexão da temática primordial. Com isso, é necessária uma compreensão profunda sobre a relação entre formação de professores de Geografia e práticas de campo, para além das bases legais, pois há uma concepção da construção de um conhecimento geográfico capaz de explicar e instrumentalizar uma transformação em nossa sociedade. Em se tratando da prática docente, essa profundidade acaba por necessitar de uma emersão no cotidiano de graduandos, pós-graduandos e professores.

Pensar em Geografia é pensar o mundo, é abrir janelas e ver o alvorecer, sentir o vento e o som da chuva. Logo, são concomitantes ao currículo regular com os componentes ali inseridos, os trabalhos de campo como aponta o PPC do curso em Geografia (bacharelado e licenciatura) da Universidade federal do Ceará, referente ao ano de 2018[1]. Apesar de trazer a nomeação da atividade como trabalho, o texto concebe esta atividade como trabalho de campo em integração a aula, tendo como objetivo a interdisciplinaridade entre os diferentes setores do saber geográfico. A conexão do conhecimento geográfico pode se dar em diferentes momentos de campo, sejam em aulas amarradas às disciplinas ou atividades de pesquisa e extensão através dos diferentes laboratórios.

Existem dificuldades estruturais, como relata Damasceno (2013). As reivindicações dos estudantes do curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará

[2] O PPC referente a análise é do ano de 2018 e rege o novo currículo do ano letivo de 2019. Importante ressaltar que o documento analisado ainda está em sua versão preliminar e foi cedido pela coordenação do curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará.

por melhores condições da atividade[2] e a tentativa do alcance de uma interdisciplinaridade nas práticas de campo tornam-se pautas centrais na luta por uma formação que apregoe a vivência. Historicamente, os estudantes do curso de Geografia colocam diante da instituição responsável o papel e importância que devem ser dados a estas práticas tão fundamentais quanto o quadro branco em sala de aula. A discussão sobre este tema é perpassada por lutas e resistências.

Construção da Prática de Campo (Planejamento, Execução e Avaliação)

Acreditamos em uma construção da prática de campo organizada metodologicamente. Refletir sobre o tema ao qual nos propomos e apresentamos neste artigo exige uma explicitação do ato em si e do roteiro dos momentos que constituem esta prática. É um ponto fundamental, pois aqui se delineia nossa concepção, de forma simultânea ao tempo que descrevemos nosso modo operacional de planejar, executar e avaliar.

Entendemos que é necessário construir a prática de campo a partir de uma perspectiva dialógica. Concebemos as práticas de campo como um processo, que requer planejar, executar e avaliar, cabendo a reflexões a partir dos momentos vivenciados.

Ato I: planejar

Para iniciar uma caminhada é necessário um primeiro passo, para que em seguida as possibilidades possam se apresentar. Este passo é o planejamento. Pensar o momento inicial é pesquisar e se debruçar no recorte espacial pretendido no ensinar e aprender Geografia. É fundamental saber que:

> Uma das funções mais importantes dos trabalhos de campo é transformar as palavras, os conceitos em experiências, em acontecimentos reais para a concretização dos conteúdos. Dessa forma, por meio da observação e realização de entrevistas, questionários, os pesquisadores e estudantes irão apreendendo a realidade. (MARAFON, 2009, p. 338).

O planejamento tem seu início em sala de aula com a discussão dos conceitos fundamentais para a Geografia que atenderão aos objetivos da prática de campo.

[3] A autora traz a experiência de luta dos estudantes do curso de Geografia em companhia de estudantes de outros cursos que conquistaram aumento da diária de 35,00 para 50,00 reais em 2012. Em 2015, uma nova movimentação em busca de melhores condições, houve nova conquista, o valor da ajuda de custo diário passou de 50,00 para 80,00 reais.

Planejar requer estudo e dedicação para traçar procedimentos auxiliares na apreensão do mundo, pois no momento de planejamento do trabalho a ser executado também se planeja a aula, ambos intrinsecamente relacionados. Estes processos, se autoconstroem através de um mecanismo simples, a realidade é constantemente metamorfoseada, ou seja, sempre há um novo aprendizado percebido através de um olhar geográfico apurado e planejado.

Apresentamos quatro requisitos essenciais para um planejamento: 1 – Definir o local e duração da prática de campo; 2 – Definir os objetivos a serem alcançados durante o período em campo; 3 – Pesquisar e construir um material prévio relacionado ao local e objetivos delineados; 4 – Definir os instrumentos metodológicos necessários (questionários, entrevistas, mapeamento, registro audiovisual, etc.).

Trazemos como exemplo as experiências de planejamento desenvolvidas no componente curricular Geografia Agrária, onde participamos como estudantes, bolsistas e parceiros no decorrer da trajetória acadêmica. O planejamento no contexto desse componente é construído de forma coletiva, onde a cada passo citado anteriormente, há a integração entre professores, estudantes de graduação, estudantes de pós-graduação, bolsistas e monitores.

No primeiro requisito, de definição do local e duração do campo, há uma predeterminação que parte do professor responsável ao escolher melhor área para desenvolvimento das atividades, enquanto que na duração existe critério de viabilidade orçamentária e de infraestrutura por parte da universidade. A partir da definição prévia da localidade e datas a proposta se apresenta a turma, integrando o grupo maior a delimitação das especificidades, como agendamento de conversas em comunidades, sindicatos e instituições públicas, além da logística de hospedagem e alimentação.

Com o devido itinerário constituindo a estrutura base da prática de campo, se torna fundamental a definição de objetivos a serem alcançados em campo. Tais apontamentos se alinham ao debate teórico construído em sala de aula. Temas discutidos na Geografia Agrária como estrutura fundiária, relações sociais de produção, organização sindical de trabalhadores rurais poderão ser compreendidos associados ao movimento da realidade, estabelecendo a possibilidade da consolidação do aprendizado iniciado na sala de aula.

Partindo de itinerário e objetivos delimitados se torna fundamental o reconhecimento das localidades a serem visitadas, seja estado, municípios ou comunidades. Pesquisar coletivamente, buscar referencial de órgãos públicos, entidades

comunitárias, organizações não governamentais. Construir e apresentar um perfil prévio são atividades indissociáveis da prática de campo.

Uma vez definidos os objetivos da prática de campo as metodologias se desenham como instrumentos para a identificação das informações que não serão diretamente visíveis. Narrativas de vidas, relatos de conflitos, atividades cotidianas vivenciadas pelos sujeitos, são elementos alcançáveis mediante aplicação de metodologias, podemos citar entrevistas, rodas de conversas onde detalhes poderão surgir e que somados a registros audiovisuais, mapeamentos, e aplicação de questionário indicarão o não visível.

Cada grupo com suas características, limitações e potencialidades pode alterar estes critérios, mesmo com mudanças e adaptações, uma prática de campo deve acontecer em maior efetividade e tranquilidade quando segue um planejamento organizado. Em conjunto os critérios apresentados oferecem auxílio para a construção de uma avaliação mais integrada ao processo de concepção do campo, enriquecendo assim um possível produto final, seja relatório, textos científicos e fundamentalmente o aprendizado da ciência geográfica. Planejar seguindo um roteiro também permite lidar com imprevistos, facilitando assim a tomada de decisões rápidas que não prejudiquem o andamento da atividade.

Ato II: executar

Ir a campo proporciona um dos momentos mais ricos na vida de um estudante de Geografia. Cada experiência nesse momento é carregada de emoções, significados, esperanças, indignações, os mais diferentes sentimentos, é neste ponto que o rigor metodológico da execução deve se dar. A afetividade é fundamental para um olhar geográfico particular, porém as observações, mediações e considerações devem seguir o parâmetro delimitado no planejamento, atendendo os objetivos traçados.

Os quatro critérios apresentados no planejamento devem ser constantemente observados e analisados durante a execução da prática de campo. A verificação é concomitante ao executar o momento de campo, o acompanhamento do material bibliográfico, dados e outros recursos levantados permitem um olhar menos estranho ao local escolhido.

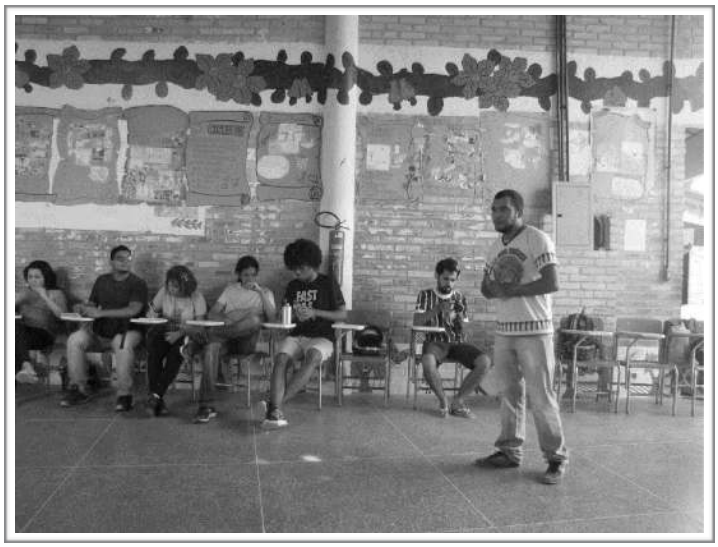
Os objetivos são os guias para que o cumprimento do ensino e aprendizagem ocorra em um processo, que juntamente à pesquisa, enriqueçam os momentos vivenciados. Se tratando de atividades diretamente em comunidades urbanas ou rurais, o

planejamento também proporciona uma aproximação mais fiel à realidade social, evitando equívocos e fortalecendo os laços entre universidade e sociedade.

A aplicação dos instrumentos de pesquisa escolhidos para a prática não pode ser levada em segundo plano, seu papel é também de protagonismo no subsídio a interpretação do espaço geográfico. A seleção de questionários e entrevistas revela nuances não observados inicialmente, e que somente quem vivencia cotidianamente o local têm a sabedoria para fornecer. Rodas de conversa, linhas do tempo, grupos focais, e outras metodologias interativas podem enriquecer o momento fornecendo uma leitura espacial – não percebida inicialmente – a partir dos discursos. A definição dos instrumentos deve se adequar aos objetivos que necessitam ser alcançados, contextualizados e dialogados para não causarem constrangimento, facilitando as relações vividas na prática de campo.

Conforme a figura 1 apresenta, a roda de conversa é um dos exemplos de metodologia utilizada na execução da prática de campo. Perceber as narrativas de vida é fundamental para compreensão do espaço geográfico em sua produção e reprodução. No caso trazido na imagem, a atividade se deu na Escola da Terra Indígena Tremembé de Almofala no município de Itarema, Ceará. O representante da comunidade e também da escola através de um momento de troca de saberes revelou nuances dos processos de resistência e conquista da terra indígena, detalhando elementos que não surgem em documentos oficiais, em pesquisas bibliográficas, mas que estão presentes na vivência destes sujeitos.

Figura 1: Roda de conversa na Escola Indígena Tremembé Maria Venancia



Fonte: Acervo pessoal dos autores (2017).

Tomar nota durante a execução faz parte da ação de estar em campo. O diário de campo é uma ferramenta fundamental, pois proporciona registros de momentos, emoções, interpretações, descrição de paisagens e lugares, momentos e memórias através do olhar do estudante no decorrer das aplicações de instrumentos e momentos de observação e interação. Venâncio e Pêssoa (2009) afirmam que o diário de campo traduz vivências, experiências e reconstrói a identidade da paisagem e da organização espacial, revelam narrativas que auxiliam na compreensão que muitas vezes um questionário acaba não sendo capaz de expressar.

Exemplo tomado por nós se traduz na figura 2, onde é fotografo o momento em que um morador da Terra Indígena Tremembé de Almofala acomoda cocos em uma carroça para realizar o transporte. Não existia em questionário ou mesmo em rodas de conversa apontamentos sobre como era realizada a circulação de produtos agrícolas dentro da comunidade, logo foi evidenciado a utilização de um meio de transporte específico que é a carroça puxada por força animal, elemento muito presente no espaço agrário cearense. Tal informação somente poderia ser adquirida *in loco*.

Figura 2: Preparação para transporte de coco –
Terra indígena Tremembé de Almofala – Itarema, Ceará



Fonte: Acervo pessoal dos autores (2017).

Durante este percurso de trabalho e aula, a reflexão sobre o que é apreendido deve ser gradual e constante para que tudo levantado através do estudo possa contribuir com uma aproximação à realidade. A complementação entre levantamento prévio, metodologias definidas, caderno de campo e observação proporcionam descobertas e entendimentos que fortalecem práxis geográfica.

O momento em campo é também um espaço informal de aprendizado, deliberando relações afetivas entre estudantes, professores e as comunidades. É aqui que a humanidade do saber está presente, sensibilizando o olhar do estudante para a diversidade de elementos que compõem o espaço geográfico.

Ato III: avaliar

A avaliação se apresenta como o último elemento da nossa concepção de construção das práticas de campo. Este momento não se dá hierarquicamente de forma inferior, mas se aloca por último por necessitar de um panorama para ser definido, sendo a avaliação um instrumento que está diretamente ligado às possibilidades e potencialidades de melhoria na qualidade do ensino (LIBÂNEO, 2002). Gerando o aprendizado coletivo a eficiência é mostrada, tornando a valorização destas práticas necessárias.

Entendemos que a avaliação da prática de campo pode ser feita em duas perspectivas: uma primeira que está diretamente relacionada aos objetivos estabelecidos e os resultados obtidos em campo, quer dizer, aquilo que foi extraído das atividades em campo responde aos questionamentos levantados em sala de aula; uma segunda que se caracterize enquanto uma reflexão sobre o processo de planejamento e execução das atividades em campo, de modo que impacte na avaliação, fortalecendo o ciclo que consideramos constituir a prática de campo na sua melhor forma.

A percepção dos estudantes enquanto sujeitos participantes da prática de campo também se incorporam ao processo avaliativo, tornando fundamental a organização de um momento que permita o diálogo e exposição de particularidades captadas individualmente. Tal momento geralmente construído após o campo é o fechamento de um processo iniciado ainda no planejamento, fazendo com que a avaliação seja multilateral, incorporando possíveis melhorias à prática de campo, como também aos estudantes.

O desenvolvimento do olhar geográfico deve ser levado em conta em uma avaliação geral, o avanço da capacidade analítica dos estudantes em campo, fruto da

unidade das experiências e teorias. O domínio da Geografia como ciência vem a partir da desenvoltura teórica e nas atividades em campo, a avaliação constante promove reflexão e melhoria nas práticas, fornecendo assim ferramentas constantes de interpretação e aprendizado das diversas espacialidades da sociedade.

A competência no decorrer da execução do campo deve fornecer uma série de elementos capazes de gerar um produto final, quer seja um relatório técnico, um texto ou até mesmas outras expressões de apresentar um ou mais conhecimentos adquiridos e construídos. Elaborar um material deste porte é retornar aos conceitos após o campo e representar descobertas, ressignificar o espaço geográfico agora compreendido através de experiências e vivências. A avaliação deve ser constante e o produto gerado, além de demonstrar o aprendizado, se torna um novo elemento para o conhecimento geográfico de importância local e/ou regional, sendo capaz de subsidiar debates e ações.

Valorização e Compreensão das Práticas de Campo

Mas afinal o que é prática de campo? Um questionamento fundamental para avançar na produção de um conhecimento geográfico gerado a partir da realidade. Optamos por seguir um processo de construção até chegar a uma tentativa de resposta que pode ser considerada maleável, pois se insere como uma alternativa que se sujeita as transformações e metamorfoses que incessantemente ocorrem no mundo, no espaço geográfico.

Entendemos a educação como situação gnosiológica:

> Para nós, a "educação como prática de liberdade" é, sobretudo e antes de tudo, uma situação verdadeiramente gnosiológica. Aquela em que o ato cognoscente não termina no objeto cognoscível, visto que se comunica a outros sujeitos, igualmente cognoscentes (FREIRE, 2006, p. 78).

Paulo Freire auxilia no entendimento que a educação se dá em um processo de interação homem-mundo, onde a transformação é marca constante da realidade e a educação acontece de forma dialógica e horizontalizada.

Temos um primeiro item para ajudar em nossa conceituação, pois entendemos a prática de campo como um processo educativo constituído por sujeitos multifacetados em contanto com o mundo e com sujeitos que constituem outros espaços além das salas de aula. O sistema de relações, trabalho, aula, pesquisa, planejamento, execução e avaliação aí se inserem em uma totalidade que é a formação de professores de Geografia.

A construção do conhecimento geográfico nas práticas de campo revela que:

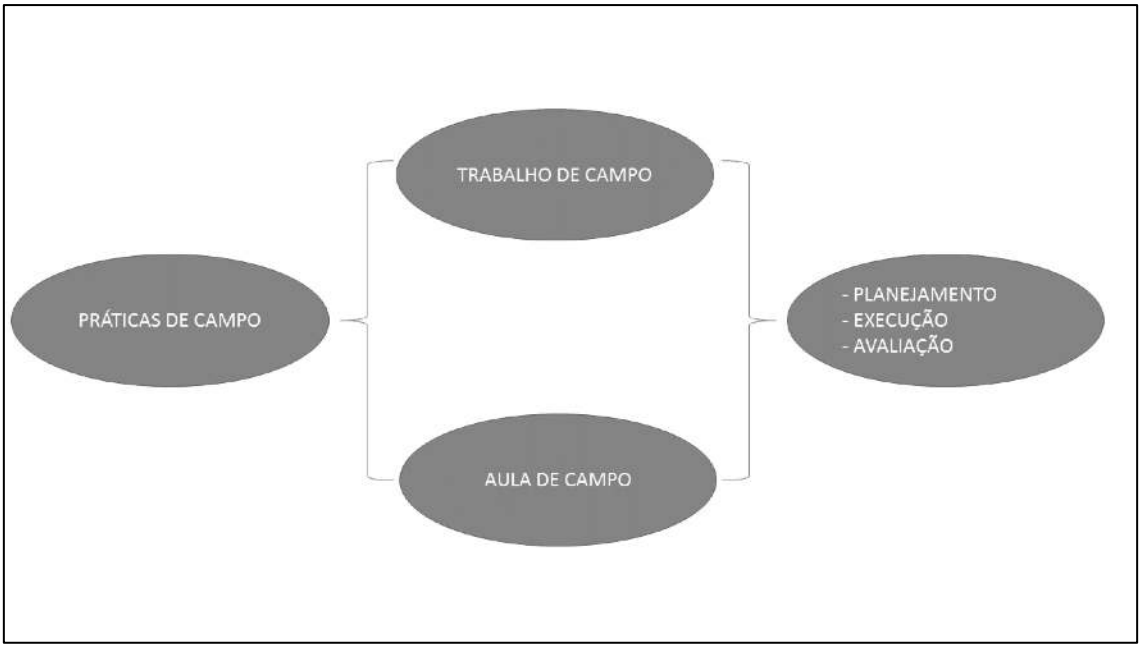
> Alguns professores já podem tirar destas algumas experiências. Primeiramente, que os estudantes de Geografia, mesmos iniciantes em boa parte, podem apresentar após uma dezena de dias de trabalho intensivo – este tempo não é, alias suficiente – um conjunto coerente de informações em grande proporção inédita. (LACOSTE, 1949, p. 90)

Apoiados em Yves Lacoste, constatamos a importância que a prática de campo constitui na produção do conhecimento geográfico, mais uma vez um momento que se caracteriza trabalho e aula concomitantemente. É importante chamar atenção ao fato de que sendo um processo rico, pois é construída por diferentes sujeitos, a produção do conhecimento também possui riqueza, ao tempo em que se articula em uma rede de saberes integrados, conhecimentos científicos e populares dialogados, pois sujeitos das localidades visitadas também participam da execução da prática.

Lacoste (2008) sobre o ensino de Geografia, mesmo que no recorte do ensino básico, afirma que a dramaticidade é fundamental para o ato de ensinar uma ciência geográfica funcional. O drama se refere a consequência em um processo de ensino e aprendizagem, ao chamar atenção e seduzir os estudantes. A prática de campo também deve contemplar esta esfera para que o saber gere comoção e paixão, com suas potencialidades e limitações reconhecidas, oferecendo assim oportunidade de transformar aquilo que se entende por Geografia durante o processo formativo. Esta atividade afirma a importância do conhecimento geográfico, pois torna visível seu impacto na vida em sociedade nas diversas escalas existentes.

Temos assim como base para definição de nosso conceito de prática de campo três estruturas, a educação gnosiológica, a construção do conhecimento geográfico e a dramaticidade do aprender e ensinar a Geografia. Partindo deste pressuposto sistematizamos a Figura 3 que apresenta a estrutura organizativa dos elementos que constituem a prática de campo.

Figura 3: Diagrama síntese conceito prática de campo



Fonte: Elaboração dos autores (2019)

Observamos no diagrama que existe um fluxo integrativo, a prática de campo logo é constituída por um processo de trabalho/pesquisa e aula que se desenha através de um planejamento que é executado e avaliado. Entendemos por prática de campo todo ato de esforço intelectual de compreender o mundo e a sociedade através de um processo construtivo de pesquisa que culmina em vivência em campo (com inúmeras variações de recortes espaciais), onde se traduz em aula. O processo de aprendizagem é constante, pois como já afirmado o espaço geográfico é mutável, a aula se dá em turbilhões de transformações que se faz perceber através do olhar geográfico, em um processo dialetizador de trabalho/pesquisa e aula. Tais momentos somente são possíveis através de rigor e esforço metodológico com planejamento que propicie a apreensão das transformações sociais, atendendo objetivos específicos delimitados previamente, germinando em uma *práxis* geográfica que terá como produto a reflexão e produção do conhecimento, fazendo avançar a formação de professores de Geografia.

A prática de campo trazida como estrutura de exemplo do componente curricular em Geografia Agrária, visou a compreensão do espaço agrário em sua complexidade de sujeitos e formas, levando em consideração os elementos que compõem esta prática, para assim independente do *locus,* seja em comunidades quilombolas, aldeias indígenas ou assentamentos rurais consigamos adquirir especificidades na leitura espacial, que são captadas na vivência proporcionada pela em

campo, que possui neste âmbito papel didático, pois os estudantes elaboram relatório a partir das teorias vistas em sala de aula e da observação realizada, esta atividade se insere no planejamento da eficácia de uma formação profunda em Geografia.

Esta reflexão nos trouxe ao debate metodológico, chegando assim a uma definição que permite pensar modelos de valorização que vão desde o rigor metodológico à criação de uma cultura de prática de campo. Não se faz a Geografia sem conhecer o mundo, é necessário criar estruturas para que exista diretamente nos momentos de formação uma discussão específica sobre estas práticas, fornecendo arcabouço teórico-metodológico, para os futuros professores, que serão aqueles que auxiliarão a interpretação da complexa sociedade em que vivemos em suas mais variadas expressões geográficas.

Considerações finais

Um esforço de construir uma concepção sistematizada para as práticas de campo nos fizeram mergulhar na reflexão sobre a formação de professores de Geografia. No decorrer da história republicana do Brasil os períodos democráticos são mínimos, o que possui relação direta com uma valorização dos professores e o reflexo em seus cursos de formação. A Geografia sempre se manteve em resistência durante estes momentos, na luta pelos direitos e por uma garantia de formação de qualidade.

Atividades realizadas em campo são quase que sinônimos da Geografia. Percebemos isso quando tratamos das exigências legais apresentadas pela LDB e DCNs, além do próprio currículo de muitos cursos de Geografia, consideramos que a prática profissional deve ser constituída em conjunto com as atividades de campo. Entendemos que trazer a luz apontamentos sobre as bases legais e sua relação com as práticas de campo possa incentivar cada vez mais as discussões em torno da temática.

Buscar a prática de campo sistematizada, através do planejamento equilibrado e compromissado, uma execução eficiente e pedagógica e uma avaliação que traga frutos para o ensino e aprendizagem de Geografia tornou-se o caminho central que seguimos na construção para se pensar em uma prática de campo congruente para que assim a sua valorização seja pensada. Discutir o ensino, pesquisa e extensão, é de fato conciliar um projeto curricular que ponha em equivalência as práticas de campo com os componentes curriculares.

Diante de um processo concebido metodologicamente, o estudante de Geografia quando em atividade docente poderá ser capaz de levar as atividades que rompem com os muros de sala de aula para o ensino básico. O diálogo com a sociedade em seu papel no aprendizado de diferentes áreas do conhecimento, e principalmente na Geografia, deve ser explorado nos diferentes níveis de ensino, porém isso só é viável quando há uma concepção sólida do que é a prática de campo.

Nas observações e análise realizadas do desempenho dos estudantes que experienciaram a prática de campo foi sinalizada um amplo salto qualitativo na capacidade de entender as relações cotidianamente vivenciadas em sociedade. Foi possível perceber as potencialidades desenvolvidas, pois é proporcionada integração que supera o momento pós-campo, pois a capacidade interativa de associação de teorias geográficas e a vida cotidiana permanecem mesmo em espaços formais.

Amarras entre a teoria e a prática, é o caminho de uma práxis geográfica, onde o avanço gradual do aprendizado é constante, mesmo quando de fato estes estudantes se consolidarão enquanto profissionais, professores de Geografia. Através das apresentações dos relatórios de campo, vemos o detalhe, a pintura do mundo em palavras inscritas em texto científico. Contribuindo assim para a construção de um conhecimento que se faz saber em Geografia.

Não pretendemos esgotar o tema ou aludir a receitas prontas de como as práticas de campo (aulas e trabalhos) devem ser realizados, trazemos um esforço localizado em experiências diversas, como estudantes, professores e pesquisadores. A uma diversidade de questões pendentes de análise, mas que podem ser descobertas por grupos e indivíduos que ao não encontrar respostas suficientes busquem na reflexão caminhos cheios de possibilidades. O texto, de caráter introdutório no debate do tema é uma ferramenta de reflexão coletiva, e que pode ser utilizado como guia de reflexão, jamais sendo uma ponte fechada e sim um portal para a diversidade de formas de se conhecer o mundo em sua diversidade. Assim como a espaços diversos as práticas de campo seguem uma lógica semelhante, é diversa, compartilhada e ajustável. Planejamento, execução e avaliação são campos abertos assim como os caminhos escolhidos.

Experimentar o mundo na Geografia é ter consciência, é fazer a prática de campo. Realizar trabalho e conceber aulas de forma integradas é de fato fazer Geografia. A complexidade da sociedade requer um olhar atento e o geógrafo deve ser capaz de participar na compreensão deste mundo, tentamos assim, a partir de uma concepção e

sistematização das práticas de campo auxiliar neste processo em constante transformação.

Agradecimentos

Os autores agradecem aos financiadores do Programa CAPES/FUNCAP Proc. 88887.165948/2018-00: Apoio às Estratégias de Cooperação Científica do Programa de Pós-Graduação em Geografia – Universidade Federal do Ceará.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Geografia**. Brasília: MEC/SEF, 2001.

_____. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União. Brasília, DF,23 dez.1996.

DAMASCENO, Francisca Jardélia Lima. **Reformas Curriculares e Recontextualização da Formação Docente no Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Ceará.** 2013. 49 f. TCC (Graduação) - Curso de Geografia, Departamento de Geografia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. Tradução de: Rosisca Darcy de Oliveira.

LACOSTE, Yves. A pesquisa e o trabalho de campo: um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos. **Boletim Paulista de Geografia,** São Paulo, n. 84, p. 77-92, jul. 2006.

LACOSTE, Yves. **A geografia - Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra.** 14. ed. Campinas: Papirus, 2008. Tradução de: Maria Cecília França.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática:** Velhos e novos temas. 2002. Versão do autor. Disponível em: <https://docs.google.com/file/d/0B7hxGmfpndeGLU5wckl5ckVRU2EwQXZPalFvRllDQQ/edit>. Acesso em: 06 jun. 2017.

MACHADO, Gilnei. Importância dos trabalhos de campo para os cursos de graduação em Geografia: uma análise do caso da Unioeste/Francisco Beltrão. **Revista Formação,** Presidente Prudente, v. 1, n. 13, p.9-27, jun. 2006. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/831>. Acesso em: 06 jun. 2017.

MARAFON, Gláucio José. O trabalho de campo como um instrumento de trabalho para o investigador em Geografia agrária. In: RAMIRES, Júlio César de Lima; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar (Org.). **Geografia e Pesquisa Qualitativa:** nas trilhas da investigação. Uberlândia: Assis, 2009. p. 379-394.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de; ASSIS, Raimundo Jucier Sousa de. Travessias da aula em campo na geografia escolar: a necessidade convertida para além da fábula. **Educação e Pesquisa,** [s.l.], v. 35, n. 1, p.195-209, abr. 2009. FapUNIFESP

(SciELO). Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/s1517-97022009000100013. Acesso em 20 de dezembro de 2020

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. A Formação Geográfica e Pedagógica do Professor. In: SILVA, J. B.; LIMA, L. C.; DANTAS, E. N. (Org.). **Panorama da Geografia brasileira**. São Paulo: Annablume, 2006, p.269-279.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, T.; CACETE, N. **Para ensinar e aprender Geografia.** São Paulo: Cortez, 2007.

ROCHA, Genylton Odilon Rêgo da. **Uma breve história da formação do(a) professor(a) de Geografia no Brasil.** Terra Livre, São Paulo, n 15, p.129-144, 2000.

SOUSA NETO, Manuel Fernandes de. A Aula. **Geografares**. Vitória, n 2, p 115 – 120, jun. 2001.

UFC. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Geografia** Modalidade Licenciatura. Coordenação do Curso de Geografia. Fortaleza, 2018.

VENÂNCIO, Marcelo; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. O DIÁRIO DE CAMPO E A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA: registro das emoções dos sujeitos envolvidos e a reconstrução de suas histórias de vida e do lugar. In: RAMIRES, Júlio César de Lima; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar (Org.). **Geografia e Pesquisa Qualitativa:** nas trilhas da investigação. Uberlândia: Assis, 2009. p. 317-336.

Recebido em 02 de junho de 2020.

Aceito para publicação em 01 de novembro de 2020.